

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Maurício Dinepi

Risco calculado

Está posto diante da atual administração do País o desafio de resgatá-lo da caótica situação em que o meteram a incúria, a corrupção, o nepotismo e os favorecimentos escandalosos, durante décadas seguidas. Tanto o setor privado quanto o público foram contaminados por toda sorte de práticas condenáveis, em prejuízo do bem-estar social das maiorias e com o comprometimento de níveis adequados de prosperidade.

Veio o presidente Fernando Collor à Presidência da República, por outorga de um mandato sancionado pela maioria absoluta do eleitorado, em razão de um programa político aceito pela sociedade como a alternativa mais eficaz para salvar a Nação. Sabem todos que o paciente, o Brasil, seguia rapidamente em direção ao estágio terminal das doenças incuráveis, caso não lhe fosse aplicada cirurgia profunda e terapia recolhida da medicina heróica. É o que ocorre no momento, principalmente em termos de projeção para o futuro imediato.

Seguramente, as providências para alcançar os objetivos da salvação nacional, por distribuírem sacrifícios bastante dolorosos, têm caráter impopular. Para restaurar as finanças do Estado, o Governo não pode descartar a possibilidade de medidas duríssimas, da mesma forma que se vê compelido a praticar uma política monetária rígida, no caso para opor resistência eficaz ao avanço da inflação.

Também será impossível sustentar relações econômicas adequadas à livre disputa do mercado sem eliminar subsídios, isenções fiscais, estímulos creditícios, cartéis e outras formas bastardas de ajuda à iniciativa privada. Aí, como se sabe, reside uma das causas fundamentais da inflação.

Ora, tais medidas e outras tomadas no âmbito estritamente político ferem um universo grandioso de interesses e, nesse passo, geram reações de inconformidade com o presidente da República. É certo que Fernando Collor tem consciência da realidade política em processo de adensamento, enquanto toca adiante o programa de saneamento do Estado e de estabilização econômica. Sua pertinácia, como se tem visto em reiteradas ocasiões, não deverá esmorecer diante do eventual desagrado de estamentos significativos da sociedade, pela convicção que tem do caráter essencial e indispensável das ações em curso.

Ninguém pode ignorar o fato de que o Governo, segundo inquérito nacional de opinião, tem ao seu lado 74 por cento da população. Uma queda em tal índice, por efeito de medidas corrosivas de ajustamento, certamente não desampará gravemente a gestão presidencial. E, na medida que os atos praticados produzirem os seus efeitos, os dividendos políticos voltarão a ser arrecadados em proporções generosas. Pois o que povo quer é melhorar de vida.